

Alemanha: Imagens do (Ensino) Português no Estrangeiro



Número 176 • 4 de abril de 2012 • Suplemento do JL n.º 1083, ano XXXI



As representações que os alunos de origem portuguesa do ensino primário no estrangeiro (inscritos em aulas de língua portuguesa) têm de si próprios em relação ao seu multilinguismo são o cerne dos primeiros resultados divulgados de um estudo em curso no âmbito da rede de Ensino Português no Estrangeiro (EPE).

Comunicações preliminares sobre o estudo, na parte que toca à Alemanha, tiveram lugar, em março, no 34º Encontro da Sociedade Alemã de Linguística, em Frankfurt, e num *webinar* (seminário na *web*) no quadro da 'Comunidade Prática de Português Língua Estrangeira/Língua Segunda' do Centro Virtual Camões.

O estudo está a ser realizado no âmbito do projeto *Imagens do (Ensino) Português no Estrangeiro*, uma iniciativa da Coordenação do Ensino Português na Alemanha, dirigida por Sílvia Melo-Pfeifer, com a colaboração da Coordenação do Ensino Português do Reino Unido e o apoio do Instituto Camões.

Os resultados preliminares do estudo, que analisa desenhos das crianças lusodescendentes recolhidos por docentes no terreno, ilustram as diferentes configurações dos repertórios plurilingues dos alunos da rede de Ensino Português na Alemanha entre os 6 e os

12 anos, segundo Sílvia Melo-Pfeifer, autora das primeiras conclusões em parceria com Alexandra Schmidt, coordenadora adjunta.

Estereotípias

A análise dos desenhos permitiu concluir que as crianças lusodescendentes «possuem uma imagem algo estereotipada de Portugal e da Língua Portuguesa, a que associam praia, férias e família» e que «esta estereotipia também afeta a língua e o país de acolhimento - a Alemanha», revelou Sílvia Melo-Pfeifer, também investigadora do Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF) da Universidade de Aveiro.

É ainda registada a «tendência para associar o nome da língua a um só país e a uma bandeira», estando «pouco presentes» a diversidade intralinguística e as variedades, embora a «diversidade linguística e intercultural» seja «constante», traduzida em «referências (bandeiras, palavras e símbolos)» a outras línguas e países, coincidentes com comunidades estrangeiras residentes na Alemanha, «o que mostra que as crianças têm consciência da diversidade linguística e cultural à sua volta».

O português, segundo o estudo, «é, mais do que as outras línguas – nomeadamente, a língua nacional (o alemão) e as línguas estrangeiras escolares (sobretudo o inglês e o francês) – a língua com maior carga socioafetiva» para estas crianças, que, aliás, «desenham situações comunicativas, geralmente felizes, de socialização ou de aquisição linguística».

Assim, no dizer da investigadora, «a criança que os professores portugueses têm na sua sala de aula é um aluno que se representa, na maioria das vezes, como bi- e plurilingue, à vontade no mundo das suas línguas». Os desenhos, acrescenta, «dão-nos sinais de integração e mostram-nos o fermento de uma cidadania plural, colorida e atenta à ecologia linguística».

«Estes resultados poderão interpelar os docentes a pensar em currículos em Português atentos à diversidade linguística e cultural dos alunos, ao seu ambiente multilingue e multicultural», considera a investigadora, que apresenta um conjunto de recomendações de teor pedagógico.

Questionários e desenhos

O projeto *Imagens...* visa «conhecer representações dos diferentes atores (professores e leitores, aprendentes, pais e encarregados de educação, ...) e públicos do processo de ensino-aprendizagem do Português em diferentes contextos (ensino integrado, ensino paralelo, cursos livres, opcionais ou integrados no currículo

académico, ...)», relativamente a um conjunto de parâmetros, estabelecendo as «constantes e as variações» das imagens (do ensino) do português e possibilitando a criação de «percursos formativos para professores e leitores orientados para a atuação pedagógico-didática, que parta das suas representações e das dos seus públicos».

Os desenhos das crianças – cerca de um milhar recolhidos, em resposta à instrução ‘desenha-te a falar as línguas que conheces’ - correspondem à obtenção de uma parte dos dados para o 1º dos três objetivos em que o projeto foi escalonado, ou seja, «conhecer as representações dos diferentes atores acerca do Português». Para tal, foram lançados ainda questionários em linha, «com uma parte específica (relacionada com a caracterização sociolinguística dos diferentes atores e públicos) e uma parte comum (relacionada com o diagnóstico das imagens)», com vista à caracterização dos restantes públicos-alvos deste projeto. No «objetivo 2» do estudo vai proceder-se ao «cruzamento das respostas da parte específica e da parte comum do questionário» a que se juntará «uma análise quantitativa prévia a uma análise qualitativa e mais compreensiva dos fenómenos observados». Por último, no «objetivo 3», «relacionado com a criação de percursos formativos, criar-se-á um protótipo de formação».

«Lubrificante comunicacional»

O estudo parte da tese de que as imagens, enquanto representações e «muletas cognitivas» - sem as quais «teríamos que estar sempre a descrever tudo e todos» - são um «lubrificante» comunicacional e têm um «lugar central» na forma como as línguas são encaradas pelos alunos, no ensino/aprendizagem das línguas estrangeiras, da língua materna ou da «língua de herança». Nesse sentido, é importante saber o que é que os alunos pensam daquilo que estão a aprender e da forma como estão a aprender, «para que fatores como empenho, motivação e atitudes positivas sejam potenciados, contribuindo para o seu sucesso educativo», indicou Sílvia Melo-Pfeifer.

Por outro lado, o conhecimento por parte dos professores das imagens/representações dos seus «públicos» quanto à língua que ensinam permite «reequacionar as suas estratégias de ensino» e os materiais escolares, «reavaliar os seus discursos em sala de aula» e «ponderar novos caminhos e novos currículos em línguas». As imagens «devem ser diagnosticadas, analisadas e discutidas para se perceber se estão a funcionar como obstáculos à aprendizagem (justificando mesmo o abandono escolar) e à comunicação com os interlocutores dessa língua».

Isto porque, no dizer da investigadora portuguesa, vários estudos (nomeadamente, a nível nacional, coordenados por Maria Helena de Araújo e Sá, também da Universidade de Aveiro) apontam para «a tendência dos contextos escolares desenvolverem imagens estereotipadas acerca das línguas e dos seus falantes», imagens essas «homogéneas, consistentes e estáveis, geralmente muito limitadas, atravessando as vozes de múltiplos atores em diferentes ciclos de escolaridade e junto de diferentes agentes na comunidade educativa».

A investigadora dá como exemplos daqueles estudos a restrição que é feita do valor da língua a «objetos escolares», ignorando o seu «valor social», ético e estético, e a «tendência para o desenvolvimento de imagens negativas relativamente às minorias, sejam elas religiosas, linguísticas ou culturais».